

## *O capital* no antropoceno [Kohei Saito]

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v16i3.65124>

Bruno Marinoni<sup>1</sup>

Título: *O capital* no antropoceno

Autoria: Kohei Saito

Cidade e editora: São Paulo, Boitempo

Ano da publicação: 2024

Páginas: 232

Nos últimos anos de sua vida, Karl Marx revolucionou o próprio pensamento e concebeu o decrescimento econômico como objetivo necessário para o movimento comunista. Esta é a interpretação proposta por Kohei Saito em seu *O capital no antropoceno*, fundamentada na minuciosa leitura que faz das publicações, anotações, cartas e, em especial, dos “cadernos de pesquisa” inéditos do pensador alemão, que serão em breve publicados em 32 volumes, como parte da quarta seção do projeto editorial Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA).

O referido livro de Saito dá prosseguimento à “exegese” iniciada em sua obra anterior, *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política*, publicada também pela editora Boitempo. Desta vez, porém, o autor se permite mais autonomia em relação ao esforço hermenêutico, estabelecendo polêmicas com diversas correntes do marxismo e do ecologismo e redigindo um verdadeiro programa-manifesto anticapitalista focado em confrontar os desafios emergentes da atual crise ecológica, que ameaça a continuidade da vida no planeta Terra, e apontar caminhos.

Professor de economia política na Universidade de Osaka, no Japão, e membro do conselho editorial do MEGA, Kohei Saito sabe que sua tese é heterodoxa e enfrenta o que denomina “o senso comum da esquerda”, para o qual o pensamento marxista deveria se manter comprometido com o imperativo do crescimento econômico. Para ele, é preciso colocar um fim ao capitalismo “restaurando a abundância radical”, não mensurada pelo valor de troca, representada pela sustentabilidade, pela igualdade, pela ampliação dos “benefícios em espécie”, pela redução da “área dependente do dinheiro”, pela libertação da “pressão constante para trabalhar” e, logo, pela redução da atual referência de medida econômica: o Produto Interno Bruto (PIB). O decrescimento seria, assim, a escolha por um “modo de vida estável”, fundamentado na ajuda mútua e no encolhimento do escopo do que se pode considerar “atividades consumistas”.

Saito finca suas bandeiras para enfrentar os atuais desafios da crise capitalista na leitura inédita que propõe de Marx. Afirma existirem três momentos diversos e nitidamente identificáveis no desenvolvimento

dos seus escritos. Inicialmente o pensador alemão teria se mantido adepto de uma “visão histórica progressiva”, por demais comprometida com o “produtivismo”, para o qual o aumento das forças produtivas são o motor da história. Seus estudos críticos o teriam levado, contudo, às vésperas da publicação de *O capital*, a abandonar esta primeira perspectiva e a elaborar uma concepção “ecossocialista”, então preocupada com efeitos concretos da ruptura metabólica entre o humano e a natureza promovida pelo capitalismo. Neste período, porém, Marx ainda afirma que “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem do seu próprio futuro”. Finalmente, esta última concepção também viria a ser substituída por uma posição de defesa aberta do “comunismo de decrescimento”, no qual a humanidade deveria transicionar para uma “economia do valor de uso”, focada na satisfação das necessidades básicas das pessoas ao invés de buscar cegamente o crescimento econômico expresso por índices como o PIB. A elaboração mais bem acabada deste ponto de chegada estaria então materializada no que Saito denomina “o testamento de Marx”: a sua carta à comunista russa Vera Zassúlich.

Em seus escritos tardios, infere Saito, Marx teria imprimido um novo curso ao seu pensamento crítico, compreendendo que o crescimento exponencial das forças produtivas sob o capitalismo não levaria necessariamente ao comunismo, mas sim à destruição da força vital da natureza, essencial para a prosperidade da sociedade. A partir desta nova concepção, o pensador alemão passaria então a afirmar a possibilidade de que comunidades tradicionais, embora com produtividade inferior, e mesmo estacionárias economicamente, seriam passíveis de serem consideradas superiores às sociedades capitalistas, haja vista sua organização sustentável do metabolismo entre humano e natureza, assim como sua manutenção de relações socialmente igualitárias. Isto não significaria, porém, a defesa nostálgica de um “retorno ao campo”, como fizeram alguns socialistas utópicos, mas sim uma declaração materialista de guerra à concepção idealista de que seria possível ampliar infinitamente a economia em um espaço planetário material e biologicamente finito.

Nessa inflexão no pensamento marxiano, que tem início alguns anos antes da redação da sua carta à revolucionária russa, percebe-se um destaque maior para o papel da natureza como fonte de riqueza material junto com o trabalho (este também uma força particular da natureza) em sua teoria, como fica explícito em sua *Crítica do programa de Gotha*. A principal consequência prática da clareza desta concepção alcançada por Marx foi o enfrentamento que fez a posições que se manifestaram no seio do próprio socialismo nos anos 70 do século XIX que reproduziam o idealismo burguês em relação ao trabalho como “força sobrenatural”, não condicionada materialmente pelo seu par dialético na produção da riqueza material.

Saito levanta questionamentos que considera cruciais para indicar a existência desta reviravolta no desenvolvimento do pensamento de Marx: por que a escrita da sequência de livros de *O capital* atrasou tanto a ponto de não ser possível publicá-los ainda em vida? Por que Marx mudou tanto o foco das suas pesquisas, debruçando-se sobre estudos ecológicos (biologia, química, botânica, geologia e mineralogia) e estudos de comunidades não-capitalistas durante os dezesseis anos que se seguiram à publicação do primeiro livro da sua obra magna, ao invés de seguir com o foco no projeto de redigir sua crítica da economia política?

Durante este tempo, foram feitas anotações que preencheram um terço do total dos seus cadernos de pesquisa e metade delas versam sobre ciências naturais.

Nos cadernos de pesquisa até então inéditos Saito descobriu um Marx fascinado, confrontado com uma ampliada problemática ao se deparar, a partir de 1868, com os estudos ecológicos do agrônomo Karl Fraas sobre o colapso das civilizações antigas e a resiliência das comunidades tradicionais europeias, assim como com as pesquisas do historiador jurídico Georg Ludwig von Maurer sobre o igualitarismo dessas mesmas comunidades. Esses estudos não eram para Marx um *hobby*, mas sim a continuação da sua pesquisa sobre maneiras para superar o capitalismo. Surge, porém, o problema de como integrar todo esse novo escopo em sua análise do sistema capitalista, abrangendo agora também as ciências naturais e ampliando enormemente o já ambicioso plano de redação de uma obra crítica da economia política. A importância desse esforço de Marx permaneceu negligenciada por mais de um século pelo pensamento marxista, quando não vista apenas como um desvio diletante.

De acordo com Saito, Marx teria dado ênfase ao problema da crise ecológica como contradição fundamental do modo de produção capitalista se tivesse sido ele o responsável pela publicação dos livros 2 e 3 de *O capital*. O autor afirma explicitamente que “nem mesmo seu aliado Engels conseguia compreender” o ponto a que Marx chegou e por isto a nova concepção “multilinear do desenvolvimento histórico” teria sido mal interpretada, derrotada pela visão unilinear e pela hegemonia do produtivismo capitalista, que se manteve como paradigma do pensamento mesmo na esquerda. Saito argumenta que no primeiro livro da obra, o próprio Marx já reconhece o problema dessa concepção ao afirmar que o desenvolvimento do poder produtivo e da tecnologia para realizar a busca ilimitada do lucro pelo capital representa o “progresso na tecnologia da expropriação”.

Em *O ecossocialismo de Karl Marx*, Saito já havia apontado o que acredita ser a existência de uma consciência ecológica prematura na teoria da alienação do jovem Marx, expressa então nos manuscritos de 1844 na divisa “humanismo = naturalismo”. A emancipação humana está aí posta como um projeto fundado no restabelecimento da unidade entre a humanidade e a natureza contra a alienação capitalista. Esta concepção é criticada por Saito por ser, por um lado, ainda por demais abstrata, comprometida com os problemas do formalismo da fase feuerbachiana de Marx, a ser abandonada principalmente a partir da redação de *A ideologia alemã*. Já indicaria, contudo, uma sensibilidade para o tema e uma tendência para a centralidade que a questão ecológica viria a assumir posteriormente no edifício teórico de Marx, apesar desta ter sido negligenciada por praticamente todas as correntes do pensamento marxista até recentemente.

O primeiro passo fundamental no desenvolvimento de uma teoria ecológica em Marx viria, conforme Saito, com a incorporação do conceito de “metabolismo” nos seus estudos de economia política a partir de 1851, registrado nos denominados *Cadernos de Londres* e nos *Grundrisse*, e finalmente com a leitura, às vésperas da publicação da primeira edição de *O capital*, da teoria do químico alemão Justus von Liebig em 1865-66 sobre o papel das atividades econômicas humanas no esgotamento da fertilidade do solo. É John Bellamy Foster em sua *A ecologia de Marx*, publicada em 2000, pela *Monthly Review*, que indica a importância deste momento para o desenvolvimento do pensamento de Marx e Saito reconhece sua dívida com este autor, assim como sua filiação com a chamada “escola da ruptura metabólica”.

Com a incorporação do conceito de “metabolismo”, Marx passa a analisar a maneira como a dinâmica historicamente específica da produção capitalista, mediada por categorias econômicas reificadas, constitui uma forma particular de subordinação da natureza que a degrada crescentemente. E isto fica evidente na separação entre o campo e cidade sob o capitalismo, que leva à ruptura do equilíbrio metabólico na relação entre o humano e a natureza, produzindo o esgotamento dos nutrientes do solo nas áreas rurais e o acúmulo da poluição nas áreas de grande concentração urbana.

Saito afirma que o escopo das pesquisas de Marx em ciências naturais nos seus últimos anos é surpreendente. Seus cadernos vão muito além da “agricultura de roubo” de Liebig e tratam do desmatamento excessivo, do abuso no consumo de combustíveis fósseis e da extinção de espécies como contradições inerentes ao capitalismo. A ruptura definitiva com o produtivismo (e com o eurocentrismo que lhe seria subjacente) teria se dado, porém, apenas após a leitura que Marx faz da já mencionada obra de Fraas, na qual este aborda o papel do desmatamento e da mudança climática no colapso de civilizações antigas como a mesopotâmica, egípcia e grega. Marx chegaria, então, à conclusão de que o sistema de acumulação capitalista ganha tempo transferindo para o exterior as consequências das fissuras no metabolismo material, mas que este processo, na realidade, apenas aprofunda o desequilíbrio e está fadado a encontrar limites para a externalização na medida em que o espaço planetário para expansão econômica é finito.

É com a extrapolação deste limite que nos deparamos nos dias atuais e contra o qual Saito dirige o seu grito de alerta. A lógica da multiplicação infinita de valores objetivada pelo capitalismo engloba hoje um espaço planetário finito que dá seus sinais de esgotamento. O capital buscou sempre empurrar para longe dos centros desenvolvidos as suas contradições e agora a crise está à espreita globalmente diante do desaparecimento do que aparecia como “exterior”. Obviamente o impacto da crise não atinge a todos da mesma forma, as desigualdades se perpetuam e aprofundam, mas não há mais um “além” capaz de manter o centro capitalista imune às catástrofes ecológicas, climáticas, pandêmicas e sociais produzidas pelo modo de produção que tem como imperativo o crescimento econômico ilimitado.

Diante disso, o comunismo de decrescimento surge como a única solução para superar a crise ecológica que emergiu no Antropoceno, era em que a atividade humana se tornou um fator geológico decisivo para o destino do planeta Terra. Nesse sentido, Saito descarta todas as alternativas que surgem nos marcos do capitalismo para frear a catástrofe ecológica, afirmando se tratarem de mero “escapismo”, pois nenhuma seria capaz de abrir mão do imperativo da acumulação infinitamente ampliada e da destrutividade que lhe é inerente. Isto fica nítido no fracasso dos esforços globais recentes para frear a sanha devastadora do capitalismo. Seria válido também para propostas políticas consideradas mais “à esquerda” como o denominado “*Green New Deal*”, que entusiasma figuras como o estadunidense Bernie Sanders, o inglês Jeremy Corbyn e o grego Yanis Varoufakis, mas também vale para o que Saito denomina de “maoísmo climático”, no qual o mercado e a democracia liberal são abolidos ao mesmo tempo em que se mantém o ritmo de crescimento ecologicamente predatório.

Em *O capital no antropoceno*, o autor destaca que as tentativas de solução vigentes em escala global, fruto de articulações entre governos e entidades da sociedade civil, têm buscado reduzir as emissões de gases

de efeito estufa sem abrir mão do crescimento econômico e têm falhado fragorosamente. O seu fracasso, contudo, não se define por mero problema político, pois, mesmo que supostamente todos os países estivessem dispostos a acatar o Acordo de Paris, a previsão otimista de aumento da temperatura do planeta se manteria em cerca de 3°C se comparado aos níveis pré-industriais. Isto é mais do que suficiente para aprofundar a catástrofe que atualmente já emite os seus sinais.

A sanha por acumulação, porém, não apresenta nenhum indicativo de que pretende desviar o seu rumo. A política de conversão de matrizes energéticas, principal medida para enfrentar a crise climática, tem se mostrado bastante ineficaz se considerarmos que a implementação de fontes de energia renovável e mais “limpas” não foram capazes de frear a ampliação do consumo de combustíveis fósseis, obtendo apenas a diversificação do setor, mantendo na prática o incremento no consumo total e o aumento das emissões de gases que produzem o efeito estufa.

Isto tudo está associado, conforme destaca Saito, ao “estilo de vida imperialista” e ao “imperialismo ambiental” que os países do centro capitalista estabeleceram, baseados na exploração de recursos e energia do Sul global e que este busca de alguma forma emular. A tônica desse modelo é a produção e o consumo em massa e a exteriorização do ônus, a busca por afastar e invisibilizar os sacrifícios e os danos. Como exemplos, o autor destaca o vazamento de petróleo no golfo do México causado pela companhia inglesa British Petroleum (BP) e a tragédia de Brumadinho promovida pela Vale. Por mais que alguns países do Norte global consigam zerar seus indicadores de emissão de poluentes, um exame detalhado do sistema demonstra que a manutenção do crescimento econômico exponencial e do padrão de consumo promovido por aqueles países empurra esse encargo para algum outro lugar do planeta.

Há, todavia, também resistências. Saito se mostra otimista com experiências de cooperativas de trabalhadores, de agricultura urbana, com destaque para aquela implementada pelos residentes de Detroit, e de administrações municipais participativas como a de Barcelona. Vê em casos como esses importantes exemplos de transformação dos meios de produção e de gestão de recursos em um “comum”, sendo este o verdadeiro objetivo do comunismo: a administração conjunta desses meios de forma autônoma e horizontal. Assim será pavimentado, segundo Saito, o caminho para o que denomina como “abundância radical”, oposto à real escassez produzida pelo capitalismo, que relega a maioria da população mundial à pobreza.

Marx, em *O capital*, refletindo sobre a precariedade da vida da classe trabalhadora sob o capitalismo, utilizou um provérbio francês para representar o *ethos* do capital: *Après moi le déluge!* (Depois de mim, o dilúvio!). Hoje, a metáfora se transmuta em realidade, como demonstrou a tragédia de abril de 2024 no Rio Grande do Sul ou como se pode ver nas enchentes neste mesmo ano no deserto(!) do Saara. No outro extremo hídrico, o mundo viu nas últimas décadas o Mar do Aral, na Ásia, e o Lago Chade, na África, secarem quase completamente. Há muitos indicadores de que estamos chegando a um “ponto de não retorno” da catástrofe global, quando não haverá mais solução capaz de frear as forças da destruição da vida no planeta que se colocaram em marcha e quando nos caberá apenas buscar implementar meios para desacelerar o processo e mitigar os danos. Puxar o freio de emergência após o fim da linha não salvará o futuro da vida humana (nem de outras espécies) na Terra. Ao mesmo tempo, não há planeta B. Uma

revolução nunca foi tão urgente e “universal”, mas mesmo esta não será suficiente se não for posta em prática a tempo e não for capaz de se libertar dos próprios preconceitos produtivistas.

**Referências:**

- FOSTER, J. B. **A ecologia de Marx**: materialismo e natureza. São Paulo: Expressão Popular, 2023
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007
- MARX, K. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011
- MARX, K. **O capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O capital** – Livro II – O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O capital** – Livro III – O processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.
- SAITO, K. **O ecossocialismo de Marx**: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2021.

---

**Notas**

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Comunicação pela UFPE e graduado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Jornalista na Adunirio, seção sindical do Andes-SN. Integrante do Telas – Laboratório de pesquisas em Economia, Tecnologia e Políticas de Comunicação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5527714582265128>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7169-3712>. E-mail: [brunomarinoni@gmail.com](mailto:brunomarinoni@gmail.com).

Recebido em: 18 de dez. 2024

Aprovado em: 20 de dez. 2024